

Evento: VII Mostra de Iniciação Científica Júnior

PERCEPÇÕES E RUPTURAS: A FUNÇÃO DO EDUCADOR COMO FORMADOR DOS INDIVÍDUOS¹
PERCEPTIONS AND RUPTURES: THE EDUCATOR FUNCTION AS AN INDIVIDUAL TREINER

Francieli Meotti Oliveira², Maristela Righi Lang³

¹ Projeto de extensão realizado no curso de letras da Unijuí

² Acadêmica do curso de Letras: Português e Inglês e bolsista do subprojeto Interdisciplinar Letras: Português e Inglês PIBID - UNIJUI/CAPES.

³ Professora do Curso de Letras: Português e Inglês e coordenadora do subprojeto Interdisciplinar ? Letras: Português e Inglês do PIBID UNIJUI/CAPES.

INTRODUÇÃO

Este texto pretende refletir sobre os papéis que têm sido atribuídos aos professores para, em função deles e do reconhecimento da ampliação da complexidade que atravessa a educação escolar, apontar aspectos importantes na formação de professores. Tem-se por objetivo mostrar os saberes e competências necessárias para a prática do exercício de seu trabalho docente.

Sendo intenção desta escrita trazer o que pressupõe ser professor (a) nos dias de hoje e falar sobre a formação do professor para um futuro que, forçosamente, não será igual ao momento presente, foca-se aqui algumas das mudanças que têm ocorrido na educação escolar e nas funções atribuídas aos professores nestes últimos anos, indicando por onde e para onde se está a caminhar.

METODOLOGIA

Para a realização deste artigo, partiu-se das observações e discussões feitas no contexto do subprojeto Interdisciplinar Letras: Português e Inglês, assim como foram feitas pesquisas bibliográficas que mostrassem a importância da prática do exercício do professor. Também, em âmbito geral, o porquê de a educação escolar ter chegado à complexidade em que se encontra hoje.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola tem o poder de disseminar o pensamento ideológico de quem comanda a sociedade. Ou seja, o aparelho escolar está a serviço da classe que controla a sociedade. Isso pode ser verificado ao longo da trajetória da educação brasileira. Os jesuítas criaram as primeiras escolas quando aqui chegaram em 1549, com o objetivo de formar sacerdotes e catequizar o índio, dedicando-se também à educação da elite nacional. Já a educação pública estatal, tem início no final do séc. XIX, quando principiou o processo de industrialização do país.

Com base nessa visão, percebe-se que conforme o entendimento deste período, um bom professor (a) era aquele (a) que conseguia despertar a atenção dos alunos para os conteúdos do programa, que expunha e explicava os assuntos num discurso e numa lógica que fosse passível de ser compreendida pelos alunos e que conseguia estimulá-los para o cumprimento de um certo número de tarefas que ajudassem na aquisição e compreensão desses conteúdos. Era o que hoje se considera o paradigma tradicional de racionalismo acadêmico, por conceber o currículo limitado ao conjunto das matérias a ensinar e à estrutura organizativa dessa transmissão e por privilegiar como modo de trabalho pedagógico a exposição no sentido da transmissão.

Evento: VII Mostra de Iniciação Científica Júnior

De acordo com Freinet (1975), a percepção do papel dos professores é acompanhada pelo entendimento que circula em relação à escola. A esta é atribuído ao papel de transmitir o conjunto de saberes considerados necessários para a vida e para o suposto lugar que, nela, cada um dos alunos, no futuro, iria ocupar. No quadro desta ideia, toda a organização escolar estimula uma orientação do currículo em função dos conhecimentos e do recurso a procedimentos didáticos que valorizem a compreensão e posterior apropriação pelos alunos, desses conhecimentos trabalhados. A própria avaliação dos alunos estimula a concepção que se recorre unicamente a testes, aplicados no meio e no final dos períodos escolares, cuja média determinavam as classificações a atribuir. Sobre a questão docente, vale apontar o pensamento de Freire:

O que importa na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem. Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criatividade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. (FREIRE, 1996, p. 45).

Nesta breve caracterização da educação escolar no período que antecedeu a tentativa de a democratizar, pode-se também dizer que, de um modo geral, prevalecia a ideia de que o conhecimento era único, acreditando-se ou fazendo-se acreditar que qualquer que ele fosse, era neutro.

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996, p. 23)

Não basta a escola abrir as suas portas a diferentes grupos sociais e culturais bastante diversos daquilo que se tinha como um ideal à instituição escolar e às suas regras. Se depois de receber essas crianças e esses jovens a escola mantiver as suas lógicas tradicionais ou nada fizer para incluir esses alunos, é evidente que muitos deles serão excluídos ou terão menos possibilidades de sucesso. Hoje se sabe a influência que têm os pontos de partida dos alunos, bem como os modos como o sistema e o currículo se organizam. No quadro destas ideias, compreende-se que a própria formação de professores deve se centrar na aquisição de conhecimentos do campo disciplinar a que viriam a ficar vinculados e nas estratégias de construção dos conhecimentos.

Os ideais de democratização da sociedade, iniciados há bastante tempo, evidenciam as concepções tradicionais fundadas na ideia de que nem todos têm direito ao sucesso e que o papel dos professores se limita ao ato de instruir, isto é, de transmitir os conhecimentos resultantes da herança cultural, que foram postas em causa. Neste sentido, compreende-se que tenham tido algum impacto correntes que valorizaram a aprendizagem e que tenha sido sustentada a necessidade de os professores desenvolverem modos de trabalho pedagógico que tivessem como intenção promover essa aprendizagem. Ao mesmo tempo, começou a ser reconhecida a dimensão social que atravessa o ato de educar, até porque as dinâmicas sociais que começaram a ser

Evento: VII Mostra de Iniciação Científica Júnior

praticadas induziram intervenções da sociedade nos espaços escolares, rompendo com o isolamento que os caracterizava.

Olhando a educação pelo viés dos dias atuais, percebe-se que, se a escola focar apenas no conteúdo, os processos de ensino e de aprendizagem não têm a menor chance de serem bem-sucedidos. Isso porque, se não se conseguir perceber as necessidades emocionais, sociais e físicas do coletivo escolar – direção, funcionários e, principalmente dos alunos – se essas necessidades continuarem a ser ignoradas, dificilmente se alcançarão os objetivos.

Para viver em um mundo em constante mudança, é preciso formar jovens que tenham papel ativo na construção de seu conhecimento, renovando os saberes continuamente. Como alternativa à tradicional aula expositiva, hoje são propostas aulas alternativas, com recursos midiáticos (filmes, PowerPoint, entre outros) juntamente com a adoção de oficinas de estudo. Com esses métodos, os conteúdos se tornam um meio para o desenvolvimento da autonomia no aprendizado e, a sala de aula, o ambiente. Durante o processo, o professor deve apresentar o material que servirá de base para o estudo (textos ou o próprio livro didático), explicar os conteúdos passo a passo e acompanhar a prática, orientando os alunos. Ao final, os estudantes produzem as sínteses e fazem exercícios atestando se avançaram no aprendizado.

O ponto principal é fazer com que os estudantes consigam perceber o que eles mesmos conseguem aprender a partir das ações desenvolvidas pelo professor. Nesse processo, o professor ensina, e pela interação entre sujeitos e com o conteúdo, o aluno aprende. Uma questão que precisa ser pensada é o modo como se estuda e se aprende. Isso é feito na escola? Infelizmente, na grande maioria das situações, isso não faz parte do currículo escolar. Da mesma forma, ao longo da vida escolar é solicitado ou incentivado que ele estude? Criar no estudante uma rotina de estudo, de pesquisa, como forma de aprendizagem, surtiria resultados positivos, certamente.

Em um mundo no qual os jovens estão o tempo todo em atividade, criando e avaliando conteúdos, é preciso colocá-los para produzir. A lógica do estudo não seria quase a mesma das postagens nas redes sociais? Os alunos passaram a ficar desinteressados perante as aulas, independente da disciplina e do professor. Uma das causas talvez seja de que eles não conseguem notar no dia a dia da escola o valor daquilo que produzem, bem como o fato de que não se sintam escutados. Se os alunos estão desmotivados, como vão se envolver em uma atividade na qual eles vão ter que ler, terão que se concentrar e ter foco?

O professor deve ter a autonomia para desenvolver aulas diferenciadas, quando ele achar necessário e com o conteúdo que ele achar necessário. Não precisa ser frequente, nem em um horário determinado, assim como poder ser por livre adesão, até porque ele já está cansado de medidas implantadas de cima para baixo.

O professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar suas tarefas docentes. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são de tal maneira perversas que nem se move. O desrespeito a este espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores e à prática pedagógica. (FREIRE, 1996, p. 66)

As aulas com práticas de oficinas ou dinâmicas são uma forma de resgatar alunos que perderam a confiança, mas que gostam de estudar. É um modo de despertar o interesse pelo conteúdo em alunos que estão completamente desconectados. O que pode ser desenvolvido tanto no ensino fundamental, quanto no médio. O ponto principal é fazer com que eles notem que conseguem

Evento: VII Mostra de Iniciação Científica Júnior

aprender a partir de outras práticas, mas que há a necessidade de envolvimento de todos.

Nesse sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos *cansam*, não *dormem*. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996, p. 86).

O mais importante dessas aulas é a mudança de perspectiva do professor. O profissional se dá conta que não adianta um aluno tirar dez em toda vida escolar, se ele sair da educação básica sem conseguir construir o seu conhecimento com autonomia. Os alunos estão acostumados a, durante o tempo livre, serem ativos. Ao navegarem na internet, os alunos publicam, curtem, compartilham, passam adiante o conteúdo, entre outras ações. Por isso, quando entram na sala de aula, há um contraste ainda maior do que nas gerações mais antigas. Em algumas situações, os professores ainda estão presos a ideias mantidas por um longo período, de que para aprender é preciso silêncio, em que o aluno apenas escuta, sem interagir, sendo um sujeito passivo.

Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e como o empenho igualmente crítico do aluno de ir *entrando* como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência. (FREIRE, 1996, p. 118-119)

Há que se dizer ainda que os alunos se interessam pela atividade que as tecnologias proporcionam. Se os educadores os provocarem com atividades relacionadas aos seus gostos, em sala de aula, eles se interessarão mais, uma vez que notam que estão compartilhando conhecimento e avaliando o que os outros acharam do mesmo conteúdo. Não importa a lista de conteúdos aprendidos, se a pessoa não souber aprender, ela vai acabar ficando desatualizada.

O educador é capaz de intervir no mundo do aluno, no processo de comparar, ajuizar, decidir, romper, escolher, entender, aprender. O educador é realizador de grandes ações com dignificantes testemunhos. É um saber fundante da prática educativa que na formação docente ocorra uma inclusão assumida de educadores e educandos na experiência educativa. A prática docente é profundamente formadora, por isso, ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos foi atribuído à figura do professor (a) o dever de transmitir o conjunto de saberes considerados necessários para a vida e para o suposto lugar que, nela, cada um dos sujeitos, no futuro, irá ocupar. Para tanto se buscou constantemente qualificar um bom professor (a). O desenvolvimento de estudos envolvendo a educação tornaram possível a percepção de que não se pode mais falar em transmissão de conhecimentos, já que no processo de ensino e de aprendizagem há vários sujeitos envolvidos e todos devem ser ativos, para que a aprendizagem realmente se efetive. Isso é algo que precisa estar presente desde o processo inicial de formação do professor.

Para esta qualificação, foi considerado alguns papéis fundamentais, tais como o que conseguiria despertar a atenção dos alunos para os conteúdos do programa, que expunha e explicava os assuntos num discurso e numa lógica que fosse passível de ser compreendida pelos alunos e que

Evento: VII Mostra de Iniciação Científica Júnior

os conseguia estimular para o cumprimento de um certo número de tarefas que ajudassem na compreensão e aquisição desses conteúdos, o que é possível por meio da interação entre professor, aluno e conhecimentos.

As constatações feitas com a evolução do ensino, no processo escolar, é que para viver em um mundo em constante mudança, é preciso formar jovens que tenham papel ativo na construção de seu conhecimento, renovando os saberes continuamente. Para que isso ocorra, fazem-se necessárias aulas em que a observação, a leitura, a análise, o diálogo, a reflexão, com a participação de todos os envolvidos estejam presentes. Sendo o professor aquele que possibilita as condições para que o conhecimento seja realmente construído.

PALAVRAS-CHAVE:

ESCOLA. PROFESSOR. ALUNO. DOCÊNCIA. CONHECIMENTO.

AGRADECIMENTO

À Capes e à UNIJUI pela oportunidade de integrar o Programa Institucional de Iniciação à Docência, por meio do qual foi possível a vivência das experiências escolares, relacionadas à prática da docência.

REFERÊNCIAS

FREINET, Célestin. *As técnicas Freinet da escola moderna*. Lisboa: Estampa, 1975.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____; NOGUEIRA, Adriano. *Teoria e prática em educação popular*. Petrópolis -RJ: Vozes, 1989.

PILETTI, Claudio; PILETTI, Nelson. *Filosofia e história da educação*. São Paulo: Ática, 2002.